

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://www.socine.org/publicacoes/anais/>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2019 by Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# ***Bixa Travesty* e o queerlombismo: a negritude trans no documentário<sup>1</sup>**

***Bixa Travesty and the queerlombismo: trans-blacknes in the documentary***

**Gilberto Alexandre Sobrinho**  
(Doutor - UNICAMP)<sup>2</sup>

**Resumo:** Análise do documentário *Bixa Travesty* (Kiko Goifman e Claudia Priscilla, 2018), centrado na artista multimídia Linn da Quebrada, com participação de Jup do Bairro, a partir da abordagem do queerlombismo. Essa justaposição gera um termo conceitual para pensar o cinema negro, no campo do documentário, que elabora artisticamente sua expressão visual e sonora por meio da performatividade artística transexual/travesti. Figurações não identitárias como invenção de mundo negras.

**Palavras-chave:** *Bixa Travesty*, Linn Da Quebrada, Queerlombismo, documentário.

**Abstract:** Analysis of the documentary *Bixa Travesty* (Kiko Goifman and Claudia Priscilla, 2018), centered on the multimedia artist Linn da Quebrada, with the participation of Jup do Bairro, by queerlombismo approach. This juxtaposition generates a conceptual term for thinking black cinema in the field of documentary, which artistically elaborates its visual and sound expression through transsexual / transvestite artistic performativity. Non-identity figurations as black world invention.

**Keywords:** *Bixa Travesty*, Linn da Quebrada, Queerlombismo, documentary.

## **Emergências/insurgências - a negritude fílmica LGBT no Brasil**

O interesse desse estudo é o entendimento da convergência entre autoria e construção da auto-imagem subjetiva e corpórea negras LGBTs no cinema e audiovisual, no Brasil. Trata-se de refletir sobre a instauração de um novo campo da imagem, a partir do duplo posicionamento diante e atrás das câmeras, de “atores sociais” tradicionalmente compreendidos como sujeitos da representação, tratados em chaves estereotipadas, ocupando posição duplamente marginal em relação ao protagonismo e na definição diegética dos papéis. Aqui, levamos em consideração o deslocamento radical que reposiciona essas demarcações

1 - Trabalho apresentado no XXIII Encontro SOCINE na sessão: CINEMA NEGRO AFRICANO E DIASPÓRICO - NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES.

2 - Professor no IA/UNICAMP. Publicou *O autor multiplicado* e *Cinema em Redes*. Dirigiu os curtas-metragens *Diário de Exus*, *A Dança da Amizade*, *A mulher da Casa do Arco-Íris* e *Um Pouco de Tudo, Talvez*.

discursivas e as relações de poder. Há uma cultura audiovisual negra emergente no Brasil. Nela, realizadores negros, em distintas funções, constroem as representações da negritude brasileira em que pesa, sobretudo, um deslocamento radical, à medida que possam se valer do poderoso instrumento da construção de suas próprias narrativas, em distintas chaves. E aqui, vale destacar as mulheres e a comunidade LGBT que despontam num cenário em que seu protagonismo ainda é escasso. Em se tratando da comunidade LGBT, ressaltam-se a visibilidade de corpos e afetos nas representações, sinal potente de enfrentamento e posicionamento afirmativo, mesmo em circunstâncias em que imperam a violência no país líder em rankings internacionais de lgbtfobia. Mesmo assim, em São Paulo ocorre a maior parada da diversidade sexual do mundo e a decisão judicial recente de aprovação do casamento e união estável entre pessoas do mesmo sexo são sinais de avanço nessas disputas entre conservadores e progressistas. Ao cruzarmos categorias étnico-raciais, com sinalizadores de gênero e sexualidade, o quadro da opressão se complexifica, pois somando-as aos índices da violência de gênero, há o que Abdias Nascimento nomeia em título esclarecedor de uma de suas obras: *O genocídio do negro brasileiro* (2017). Ao assumir essa compreensão prismática do fenômeno aqui em evidência, podemos dizer, assim, que o cinema negro LGBT é uma das janelas da resistência em tempos de forte conservadorismo. Num cenário de ataques oficiais aos sujeitos dissidentes, de violência e, também, assassinatos acometidos a essas pessoas, imagens e sons do cinema negro LGBT são, primeiramente, sobrevivência, a sua permanência aponta para o poder da resistência e suas narrativas e representações indicam o imaginário potente a ocupar as telas.

Linn da Quebra e suas imagens no documentário *Bixa Travesty* compõe o campo privilegiado desse estudo. Porém, podemos ir um pouco além e o que chama a atenção, consequentemente, é a emergência de novos realizadores negros e gays, cujos filmes têm somado prêmios em festivais nacionais e internacionais. Os modos operacionais como se deu o acesso podem ser apreciados mediante alguns processos mapeados, preliminarmente, sendo as tecnologias digitais, facilitadores da produção e pós-produção, difusão e compartilhamento dos filmes. Outro dado, são as políticas públicas, que tornaram o acesso ao ensino superior mais democrático. Isso aconteceu via cotas étnico-raciais e, também, pelo financiamento público da educação superior paga. Como terceiro elemento agregador, destacamos os modos de financiamento de filmes, com editais destinados a grupos sub-representados. Portanto, as lutas históricas dos movimentos sociais, e aqui o Protesto Negro faz toda a diferença, conjugados ao desenvolvimento tecnológico e às políticas públicas para o ensino, a cultura e a sociedade, com forte ênfase nas elaborações e práticas governamentais federais, estaduais e municipais promoveram mudanças que incluem acesso e surgimento de um quadro potente de novos narradores. Dessa combinação interseccional, ou combinando-se com ela, numa reciprocidade produtiva, o cinema viu emergir essas novas vozes.

Se para Linn da Quebrada, a auto nomeação Bixa Travesty faz sentido, na cena artística audiovisual recente é a ideia da Bixa Preta que é dominante, justamente como traço distintivo em relação ao padrão branco, associado ao termo gay. Assim, há um grupo de filmes de não ficção, onde a questão da performatividade dos sujeitos diante da câmera engendra

uma forte conexão com o(s) sujeito(s) atrás da câmera, ou seja, a presença dispara e se conecta ao que entendemos como a auto-representatividade e isso parece ser um elo forte entre os filmes aqui considerados. Seja por via do sujeito que se filma, seja por meio do registro do outro, a auto-representação como tropo discursivo está colocada e disparada como uma corrente de afetos que encontra na performatividade e na representação uma força estética de criação e resistência. Desse modo, essa análise busca desenvolver uma reflexão, a partir da seguinte premissa: qual a singularidade de um cinema negro LGBT, tomando-se como ponto de partida as identidades LGBTs dos realizadores, quando há, principalmente, o interesse em narrar sobre sujeitos negros gays, como dominantes no plano da representação? Nesse sentido, os títulos a seguir, são reveladores de um momento de inauguração do audiovisual: *Bixa Travesty* (2018), *Afronte* (2017), dirigido por Marcus Vinicius Azevedo e Bruno Victor, *NEGRUM3* (2018), de Diego Paulino e a Trilogia da Bicha Preta, composta por *Arco da Liberdade* (2015), *Arco do Medo* (2017), *Arco do Tempo* (2019), de Juan Rodrigues. Nesse conjunto, as expressões Bixa Travesty e Bixa Preta são potentes nomeações, indicam o poder da palavra em tensão com a imagem e fazem vibrar um conjunto de possibilidades não-normativas, em que gênero e sexualidade abrem-se para construções identitárias dinâmicas, numa aproximação potencial com o que em língua inglesa se nomeia como o campo dos estudos queer, o que faz emergir o corpo-queer, inscrevendo uma história da resistência afro-brasileira, com os apelos de gênero e sexualidade. O corpo como resistência é também o corpo-quilombo.

E essa reflexão inspeciona a viabilidade e a potência de uma trama conceitual que agrega e faz convergir dois termos, o *queer*, ligado ao campo fluido e não normativo do gênero e sexualidade, e *quilombismo*, termo caro ao pensamento de Abdias Nascimento (2019), que o lança como movimento, e também à Beatriz Nascimento (2018), que reposiciona o termo estética e historicamente.

O livro *O quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista* é um trabalho denso e de síntese dessa experiência profunda de arte e ativismo político afro-diáspóricos. Trata-se de uma publicação que reúne textos escritos e tornados públicos em distintos contextos, mantendo como unidade estrutural a denúncia do racismo e os modos de articulação da supremacia branca, avançando para reflexões aprofundadas sobre processos históricos de opressão e a luta pela libertação do negro, sobretudo, de abordagem cunho pan-africanista. É aqui que o autor, estrategicamente, aloca o Brasil nesse paradigma internacional, onde confluem luta e pensamento. Abdias Nascimento avança em proposições sócio-políticas para a melhoria de vida da população negra, num momento em que não se falava em políticas afirmativas, apresenta ideias e conceitos sobre africanidade, fortemente influenciado por Cheikh Anta Diop e outros pensadores, colocando em relevância um ponto de vista sobre a história e a cultura que, posteriormente, seria nomeado como multiculturalismo, realça as resistências político-culturais dos povos negros e coloca em relevância questões de gênero, em que sua abordagem sobre as mulheres negras antecipa o que hoje entendemos como interseccionalidade.

Em 1979, Abdias Nascimento deu uma longa entrevista para o Jornal Lampião da Esquina, que tinha política editorial declaradamente gay, e a mesma foi considerada, na publicação, como “a mais catimbada de todas as entrevistas”, ali, ele afirma o seguinte sobre o quilombismo: “(...) o objetivo do quilombismo é reacender toda essa experiência histórica, reatar esse liame cultural, essa prática social e política; além de querer participar de toda essa reorganização política do país e da sociedade, ele quer contribuir para a própria organização de um novo Estado – o Estado quilombista” (p.10). Particularmente, para a convergência de conceitos e ideias presentes nessa pesquisa, que apresenta o queerlombismo com estratégia de confronto e resistência à normatividade de corpos, o campo das alianças é algo fundamental e, sobre isso, na mesma entrevista, encontramos as seguintes pergunta e resposta:

João Carlos – Você acha que os grupo de mulheres, negros, homossexuais e índios, as chamadas ‘minorias’, devem agir juntos?

Abdias – Claro! Às vezes, os objetivos não coincidem. Mas, no geral, no sentido da repressão, sim. E, então, o ideal é que trabalhem juntos contra ela. (p.12)

## ***Bixa Travesty* e o queerlombismo: a negritude trans no documentário**

*Bixa Travesty* (2018) foi dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla, diretores com repertório anterior sobre personagens transgêneros. Trata-se de um documentário com a performer/cantora Linn da Quebrada, e que traz também outra performer, Jup do Bairro, como sua parceira de palco e vida afetiva. Linn co-assina o roteiro, juntamente com os diretores. O documentário articula expressões de imagem e som em relação à autoimagem de Linn, o que desdobra em uma autoria partilhada, à medida que suas performances, arquivos pessoais, ideias, sociabilidade e intimidade que transcorrem na tela são organizados em parceria.

O documentário estreou na seção Panorama do Festival de Cinema de Berlim em 2018, quando os diretores Goifman e Priscila aproveitaram a ocasião para protestar contra o então presidente Michel Temer e também contra o estado de violência praticado contra negros e LGBTs no país. Além de ser bem recebido em Berlim, o filme foi ovacionado no Festival de Cinema de Brasília, onde ganhou quatro prêmios, incluindo o prêmio do público. Também foi exibido no Mix Brasil 2018. A crítica, a partir de Brasília, foi contundente:

No debate, no qual Lynn falou bastante e de forma muito articulada, ela lembrou a importância de seu trabalho como co-roteirista do filme, já que o casal Claudia e Kiko, cisgênero, branco e de classe média, não conhecia as vivências das duas transexuais, negras e periféricas. (CAETANO, 2018)

E também:

No fundo, é um filme-manifesto em prol da identidade sexual plural, com a mira apontada na virilha dos machos. Linn da Quebrada é uma celebração dos diferenciais. Mas o maior deles talvez seja a

recusa a abraçar a sôfrega busca dos índices de feminilidade em que se empenha a maioria dos travestis. Linn é musculosa, angulosa, maquia-se pouco, não tem seios e demonstra tanto orgulho do pênis quanto do ânus – ambos generosamente arregaçados diante da câmera em vídeos caseiros. Ela admite mesmo ter dúvidas quanto ao que fazer materialmente com seu corpo, embora o politize o quanto pode (MATTOS, 2018).

Ao espectador é endereçado a figuração de Linn em sua plenitude, inclusive olhando para a câmera. Cinema e música funk convergem num produto artístico em que as performances de Linn e de Jup não são apenas objeto do olhar e da escuta, elas estabelecem parâmetros estruturais de organização do conteúdo do filme, tornando-se um documentário performático, em que a dimensão performativa ativa camadas de significação. Isso posto, é preciso considerar que o filme, em sua constituição formal estabelece parâmetros distintivos em relação às artistas trans/travestis negras consideradas. *Paris is Burning* (Jennie Livingston, 1990) um documentário americano tornou-se, a princípio, um marco da representação de artistas transexuais negras e latinas, dos subúrbios de Nova Iorque, ligadas a cena vogue. No entanto, a partir da análise de bell hooks (2019), que leu o filme sob a perspectiva do olhar colonizador da diretora, as imagens e os sons passaram a ter outro significado. Mesmo assim, as sequências de performances nos *balls* onde se articulavam a invenção vogue e o conjunto de depoimentos permanecem importantes. *Bixa Travesty* faz uma ponte com essa obra dos anos 1990, subvertendo a lógica discursiva na relação sujeito-da-câmera e objeto da representação. Assim como *Ori* (Raquel Gerber, 1989), documentário realizado por uma diretora branca, com Beatriz Nascimento, um marco na definição audiovisual das ideias originais dessa pensadora sobre a resignificação de quilombo, temos também um casal de diretores não-negros que assumem o que se pode considerar uma aliança estratégica. Linn da Quebrada é uma artista transexual/travesti negra (esse par acompanha suas próprias declarações) que viveu no interior de São Paulo (São José do Rio Preto e Votuporanga), em bairros periféricos, numa família evangélica. Depois de uma iniciação performática como *drag queen* em festas e boates dessas cidades, ela se muda para a periferia de São Paulo e é nesse outro espaço que desenvolve uma carreira focada no funk como gênero musical, articulada às redes sociais. No âmbito do audiovisual, seus dois videoclipes *Enviadecer* (2016) e *blasFêmea* (2017) tiveram amplo alcance no Youtube e também em 2017 gravou seu primeiro álbum, *Pajubá*. Sua inserção artístico-midiática se traduz fortemente na cultura digital e cria conexões potentes com novos realizadores negros, no cinema por exemplo, que também viabilizam seus trabalhos com ferramentas mais acessíveis, do ponto de vista econômico da produção. No documentário, Linn é aguerrida em suas performances, e daí desdobram um afrontamento associado à reflexão constante sobre formações discursivas de corpos e sujeitos, algo que aproxima seu vocabulário dos eixos dos estudos queer. São falas, gestos e coreografias que se somam tecnologias de produção das periferias, no *corre* da sobrevivência, como também as tecnologias da subjetividade, em que o corpo-travesti, a bixa travesty, a bixa preta é também corpo-quilombo. Uma outra configuração espaço-temporal de uma

negritude trans e que indica a leitura do filme a partir de uma matriz cara à ideia de cinema negro: a invenção negra no mundo. O queerlombismo como resposta às tramas estéticas da expressão visual e sonora e à força política de suas combinações.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CAETANO, Maria Rosário Caetano. Fest Brasília – Festival Mostra Poema Pastoral dedicado a Humberto Mauro. <http://revistadecinema.com.br/2018/09/fest-brasilia-%e2%80%93-festival-mostra-poema-pastoral-dedicado-a-humberto-mauro/>, acessado em 05/10/2019.

hooks, bell. Olhares negros. Raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

MATTOS, Carlos Alberto. Linn, corpo-manifesto. <https://carmattos.com/2018/09/23/linn-corpo-manifesto/>, acessado em 05/10/2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2017

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Documentos de uma Militância Pan-Africanista. São Paulo, Rio de Janeiro: Perspectiva, Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento*. Quilombola e Intelectual. Possibilidade nos idas da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

QUAL o lugar dos negros no Brasil? Rio de Janeiro: Lampião da Esquina, agosto 1979.